

refeições
diárias

*No partir do pão
e na oração*

ELBEN M. LENZ CÉSAR

refeições
diárias

*No partir do pão
e na oração*

ultimato 

VICOSAIMG

REFEIÇÕES DIÁRIAS

Categoria: Inspiração / Vida Cristã / Espiritualidade

Copyright © Elben M. Lenz César, 2011

Primeira edição: Novembro de 2011

Preparação e revisão: Daniela Cabral e Délnia Bastos

Colaboração: Gláucia Siqueira e Mariana Furst

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ale Gustavo

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

C421r
2011

César, Elben M. Lenz, 1930-

Refeições diárias : no partir do pão e na oração / Elben M. Lenz César. –
Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

384p. ; 23cm.

ISBN 978-85-7779-051-7

1. Devoções. 2. Meditações. 3. Cristianismo - História. I. Título

CDD 22. ed. 242

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS
RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução	9
Janeiro	13
Fevereiro	44
Março	73
Abril	104
Maiο	134
Junho	165
Julho	195
Agosto	226
Setembro	257
Outubro	287
Novembro	318
Dezembro	348

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Tradução na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo quando há indicação específica.

ABREVIACÕES

AS21 – Almeida Século 21

BH – Bíblia Hebraica

BJ – A Bíblia de Jerusalém

BP – Bíblia do Peregrino

CNBB – Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CT – Novo Testamento (Comunidade de Taizé)

EP – Edição Pastoral

EPC – Edição Pastoral–Catequética

HR – Tradução de Huberto Rohden

MS – Tradução de Matos Soares

NBV – Nova Bíblia Viva

NVI – Nova Versão Internacional

RA – Revista e Atualizada

TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia

Apresentação

Este devocionário abarca o volume dois da história do cristianismo escrita por Lucas, o único escritor não judeu do Novo Testamento. São 366 meditações diárias elaboradas a partir dos 28 capítulos de Atos dos Apóstolos. Na verdade, trata-se de um comentário devocional do único livro histórico do Novo Testamento, completado com informações extraídas das cartas de Paulo e de outras fontes bíblicas. Uma análise que se destina não somente a tornar conhecida a história da igreja primitiva, mas também, e principalmente, a encorajar o leitor a caminhar dia após dia com os apóstolos e os primeiros convertidos, desde a Grande Comissão até o estabelecimento da igreja cristã nos principais centros urbanos do mundo de então: Jerusalém (capital do judaísmo), Éfeso (capital da magia), Corinto (capital da licenciosidade), Atenas (capital do helenismo), Roma (capital do Império). O leitor é convidado a ler em um ano o que aconteceu em pouco mais de trinta!

Podem ser força de expressão, mas não é exagero afirmar que o livro de Atos conta a história da liderança do Espírito Santo. É por essa razão que

alguns preferem dizer “Atos do Espírito Santo” ou “O Evangelho do Espírito Santo”, e não Atos dos Apóstolos. O nome da terceira pessoa da Trindade aparece mais vezes no livro de Atos do que em qualquer outro livro da Bíblia. Uma vez derramado com alarde no dia de Pentecostes e em outras ocasiões, o prometido Espírito Santo enche os discípulos de uma unção especial, controla o itinerário deles e os acompanha até mesmo quando se reúnem para resolver problemas internos da igreja. Daí a liberdade e a ousadia de Tiago ao escrever a primeira carta pastoral de que se tem notícia: “Porque o Espírito Santo e nós mesmos resolvemos não pôr nenhuma carga sobre vocês, a não ser estas proibições, que são, de fato, necessárias” (At 15.28).

Quando a igreja, no correr da história, deseja recuperar o primeiro amor e consertar doutrinas duvidosas, ela sempre recorre ao livro de Atos e à liderança do Espírito Santo. O propósito de *Refeições Diárias – no partir do pão e na oração* é tornar mais conhecido, mais propalado e mais apaixonante o marco inicial da igreja visível, assim como o desdobramento desta ao longo da história.

Para escrever este devocionário bebi na mesma fonte dos anteriores (*Refeições Diárias com o Sabor dos Salmos*, *Refeições Diárias com os Profetas Menores* e *Refeições Diárias com Jesus*), a Bíblia. Continuo me alimentando das Escrituras Sagradas e delas tirando proveito, força, inspiração, resistência e esperança. Fico feliz por poder dividir com o leitor o fruto desta meditação.

Introdução

Trinta anos de história em porções diárias

Nos últimos cem anos antes de Cristo e nos primeiros cem anos depois de Cristo, o mundo conheceu alguns historiadores notáveis. Júlio César escreve seu *Comentário sobre a Guerra das Gálias*. Plínio, o Velho, lança os 37 volumes de sua *História Natural*. Flávio Josefo conta a história do povo judeu desde o início até Nero, nos vinte volumes da obra *Antiguidades Judaicas*. Cornélio Tácito, considerado um dos maiores historiadores do mundo, compõe — além de *Germânia*, *Vida de Agrícola* e *Diálogo dos Oradores* — *Histórias e Anais*, dois livros de suma importância que abrangem períodos sobre os quais as fontes de informação (de Augusto a Nero) são escassas. E Suetônio é reconhecido como um brilhante biógrafo por sua *Vida dos Césares* (de Júlio César a Domiciano).

Na literatura secular não aparece o nome de outro historiador do mesmo período. É de Lucas, autor da primeira história do cristianismo, em dois volumes, a obra mais traduzida e mais lida de todos os tempos.

Diz-se que historiador é aquele que se preocupa com a narrativa contínua e metódica, que pesquisa eventos passados relacionados ao ser humano e que é considerado uma autoridade no assunto. Lucas preenche esses atributos.

Basta ler a dedicatória que escreve no primeiro volume: “Diversos relatos sobre Cristo já foram escritos, usando como fonte de informação as narrações existentes entre nós, transmitidas pelos primeiros discípulos e outras testemunhas oculares e servos da palavra. Contudo, pareceu-me que seria bom, depois de uma investigação completa, mandar-lhe este resumo, querido amigo Teófilo, para que tenha plena certeza de todas as verdades que foram ensinadas” (Lc 1.1-4, NBV).

A história do cristianismo escrita por Lucas é um livro pequeno (103 páginas) e fácil de ler. O primeiro volume, conhecido como *O Evangelho de Lucas*, conta a história de Jesus Cristo, desde o nascimento de seu precursor até a sua ascensão. O segundo volume, conhecido como *Atos dos Apóstolos*, igualmente dedicado a Teófilo (sobre o qual nada se sabe), conta a história da liderança do Espírito Santo, desde a ascensão de Jesus até a pregação de Paulo em Roma. Os dois volumes abrangem um período de setenta anos, que vai do ano quatro antes de Cristo ao ano 65 depois de Cristo. Em suas narrativas, o autor segue o estilo do Antigo Testamento, não omitindo ou encobrendo os desacertos dos personagens citados.

Não se sabe muito sobre Lucas. O nome dele aparece apenas em três passagens na Bíblia. Porém o pouco que se conhece é suficiente para o admirarmos. Na Epístola aos Colossenses, Paulo o chama de “o nosso querido médico” (Cl 4.14). Na Segunda Epístola a Timóteo, escrita numa masmorra em Roma, por volta do ano 66, o apóstolo diz laconicamente: “Somente Lucas está aqui comigo” (2Tm 4.11). E na última passagem a respeito do médico, ficamos sabendo que Lucas era companheiro de trabalho de Paulo (Fm 24).

Embora conte a história de conversão de muitos, Lucas nada fala sobre a sua própria conversão, que teria acontecido uns sete anos depois do encontro de Paulo com Jesus em Damasco, segundo a tradição. Ainda de acordo com a tradição, Lucas teria nascido em Antioquia da Síria e morrido como mártir na Grécia, aos 84 anos.

É a ascensão de Jesus que une o volume 1 ao 2. O primeiro termina com a narrativa desse evento e o segundo começa com ele. Aliás, Lucas é o único a se referir à subida de Jesus ao céu.

Embora tenha acompanhado Paulo em alguns trechos de suas três últimas viagens missionárias, Lucas em nenhuma ocasião cita o seu próprio nome. O máximo que a sua modéstia permite usar é o “nós” em vez de “ele” ou “eles”, como no seguinte verso: “Eles foram na frente e nos esperaram [a mim e a Paulo] na cidade de Trôade” (At 20.5).

Não contei tudo

No primeiro livro que escrevi, contei tudo o que Jesus fez e ensinou. (1.1)

O entusiasmo pelo que acabara de contar e pelo que contaria a seguir fez “o médico amado” (Cl 4.14) cometer um exagero. No chamado Evangelho segundo Lucas, o primeiro livro por ele escrito, Lucas não teve nem papel nem tinta para contar “tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o começo de seu trabalho até o dia em que foi levado para o céu” (At 1.1-2). Basta virar a página anterior e ler como João encerra o Evangelho: “Se todas as coisas que Jesus fez fossem escritas, uma por uma, acho que nem mesmo no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (Jo 21.25).

A não ser o episódio do encontro de Jesus com os mestres da lei no templo de Jerusalém (Lc 2.41-52), Lucas nada menciona sobre a infância, a adolescência e o início da mocidade de Jesus. Foram quase trinta anos encobertos tanto pelo Evangelho segundo Lucas como pelos outros Evangelhos. Nem todas as conversas, nem todos os ensinamentos, nem todas as parábolas, nem todo o sofrimento, nem todas as orações, nem todos os milagres, nem todas as curas, nem todas as expulsões de demônios e talvez nem todas as ressurreições envolvendo o Senhor Jesus foram lembradas ou citadas pelo cuidadoso e organizado historiador. Mas o que ele escreveu e dedicou ao excelentíssimo Teófilo, “um militar de alta patente do exército romano que, convertido ao Senhor, patrocinou a pesquisa e a publicação do Evangelho segundo Lucas” (segundo a King James), foi suficiente para deixar o oficial preparado para ler e entender o segundo livro, chamado Atos dos Apóstolos.

Sem dúvida nenhuma

Depois de sua morte, Jesus apareceu a eles de muitas maneiras, durante quarenta dias, provando, sem deixar dúvida nenhuma, que estava vivo. (1.3a)

As colunas que sustentam um edifício de muitos andares e de grande porte não podem ter rachaduras. Os pilares que mantêm seguras as pontes que ligam as margens de um rio às outras têm de ser de absoluta confiança. A certeza da ressurreição de Jesus não pode oferecer a menor suspeita, pois “se Cristo não foi ressuscitado, nós não temos nada para anunciar e vocês não têm nada para crer” (1Co 15.14).

É preciso garantir não só a ressurreição, mas outras coisas que aconteceram antes e depois. São quatro verbos, um atrás do outro: Jesus *morreu*, Jesus foi *sepultado*, Jesus *ressuscitou* e Jesus *apareceu*. Ninguém pode aparecer se não tiver primeiro ressuscitado dos mortos. Ninguém pode sair do túmulo se primeiro não tiver sido sepultado. Ninguém pode ser colocado no cemitério se primeiro não tiver morrido. Os quatro Evangelhos contam essa sequência toda. O livro de Atos reafirma o último acontecimento, das mais que comprovadas aparições de Jesus (1.3).

Quem apareceu depois de morto não era um desconhecido. Muito menos um espírito desencarnado ou um fantasma. Ele se deixou abraçar pelas mulheres da Galileia (Mt 28.9). Ele ordenou que Tomé colocasse o dedo em sua mão e a mão em seu lado (Jo 20.27). Ele comeu um pedaço de peixe assado à vista dos discípulos (Lc 24.40-43). Ele caminhou com os dois homens de Emaús (Lc 24.15).

Duas conversas complementares

Os apóstolos viram Jesus e ele conversava com eles a respeito do Reino de Deus. (1.3b)

Lucas conta que a conversa de Moisés e Elias com Jesus no monte da transfiguração era “a respeito da morte que, de acordo com a vontade de Deus, ele ia sofrer em Jerusalém” (Lc 9.31). Agora, o mesmo historiador diz que a conversa de Jesus morto e ressuscitado em Jerusalém com os apóstolos era a respeito do reino de Deus (1.3). Duas conversas opostas entre si. Uma fala de sofrimento e morte, outra fala de poder e glória. Não haveria a segunda conversa sem a primeira. O caminho da coroa passa pelo caminho da cruz. Sem o sacrifício vicário não haveria salvação. Seria uma enorme panaceia trocar a ordem das conversas, colocar a conversa do monte da transfiguração depois da conversa do monte da ascensão. Não há sentido em falar de sofrimento e morte depois da glória, — significaria glória efêmera, sucesso mentiroso, fracasso absoluto. Os profetas anunciavam “os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiram àqueles sofrimentos” (1Pe 1.11, NVI).

Já não era necessário preparar os discípulos para os acontecimentos da sexta-feira sinistra. Ela já acontecera, entrara para a história e não se repetiria. Então era necessário conversar sobre o significado da morte e da ressurreição, sobre os eventos seguintes, sobre a ascensão, sobre a descida do Espírito, sobre os milhares de convertidos, sobre o cumprimento da Grande Comissão, sobre a volta do Senhor em poder e grande glória, sobre a ressurreição dos mortos e sobre os novos céus e nova terra. Numa só palavra, tudo isso é o reino de Deus, o assunto da segunda conversa.

Vão e esperem

Fiquem em Jerusalém e esperem até que o Pai lhes dê o que prometeu. (1.4)

Logo após a ressurreição e antes da ascensão, Jesus deu ordens aparentemente opostas aos discípulos: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16.15, NVI) e “Fiquem em Jerusalém e esperem até que o Pai lhes dê o que prometeu, conforme eu disse a vocês” (1.4). Era para ir, mas não em seguida. Era necessário um período de tempo entre o ficar e a hora de ir. Eles deveriam esperar alguma coisa ainda não acontecida, porém prometida. Embora tivessem notícias formidáveis para dar (“Ele ressuscitou”), não convinha partir antes de “serem revestidos do poder do alto” (Lc 24.49, NVI).

Sem o poder sobrenatural do Espírito Santo haveria mais palavras do que ação, mais boa intenção do que realização, mais correria do que resultados, mais estardalhaço do que fatos consumados. Sem o poder sobrenatural do Espírito não haveria resistência suficiente, não haveria coragem para enfrentar ameaças e perseguições, não haveria curas nem os demônios seriam expulsos. Sem o poder sobrenatural do Espírito não haveria criatividade missionária nem paixão missionária. A Grande Comissão poderia ser mais uma profissão e não um ministério. Sem o poder sobrenatural do Espírito, não seria possível a vida abundante nem a vitória continuada sobre a inveja, o ciúme, a vontade de aparecer e outras obras da carne.

A cerimônia não marcada do batismo coletivo do Espírito se daria nos próximos dias – quem sabe no quinquagésimo dia depois da Páscoa, dia 30 de maio daquele ano (30 d.C.)? De qualquer modo era bom que os 120 crentes permanecessem juntos e em oração.

O mundo inteiro

É agora que o senhor vai devolver o Reino para o povo de Israel? (1.6)

Não é pecado fazer perguntas. À espera de um acontecimento marcante mas ainda desconhecido, não apenas Pedro, o perguntador-mor, mas os demais apóstolos fizeram a Jesus uma pergunta reveladora: “É agora que o senhor vai devolver o Reino para o povo de Israel?” (1.6). A pergunta dizia respeito ao tempo e não ao fato. Eles poderiam estar se referindo à libertação política. Desde a queda de Jerusalém no ano 587/586 antes de Cristo, por força da invasão babilônica (2Rs 25.1-26), Israel estava debaixo de opressão estrangeira. Teria chegado a hora de se libertarem de Roma, do governador e dos centuriões romanos e do imposto devido a César? Mas poderiam também, estar se referindo à libertação espiritual.

Em qualquer caso, a pergunta coletiva revela nacionalismo exacerbado. Enquanto os apóstolos estavam preocupados com uma só nação, um só povo, uma só etnia, Jesus estava preocupado com todas as nações, todos os povos e todas as etnias. Ele não veio só para o povo que era seu, mas para o “mundo inteiro” (Mc 16.15), incluindo os “lugares mais distantes da terra” (At 1.8). Os apóstolos ainda não tinham assimilado bem as palavras de João Batista: “Aí está o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do *mundo*” (Jo 1.29). Nem a mais comovente declaração de amor: “Deus amou o *mundo* tanto, que deu o seu único Filho, para que todo aquele que nele crer não morra, mas tenha vida eterna” (Jo 3.16). Deus mandou o seu Filho para salvar o *mundo*, e não apenas os descendentes de Abraão (Jo 3.17).

O calendário do Pai

Não cabe a vocês saber a ocasião ou o dia que o Pai marcou com a sua própria autoridade. (1.7)

Entre o passado e o presente havia uma cortina que se rasgou. Entre o presente e o futuro há outra cortina, que ainda não se rasgou. Deus tem em suas mãos uma agenda para cumprir. Ele pode revelar alguns dos eventos marcados para o futuro bem próximo e para o futuro bem distante, mas nunca fornece datas (dia, mês e ano). O evento mais próximo é a descida do Espírito, mas nem este tem a data anunciada. Um dos eventos aparentemente mais distante e certamente o mais glorioso é a volta do Senhor — em dia, mês e ano guardados a sete chaves: “Ninguém sabe nem o dia nem a hora em que tudo isso vai acontecer, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas somente o Pai” (Mt 24.36). Além do suspense, deve haver abertura e prontidão para os eventos futuros: “Fiquem vigiando porque vocês não sabem qual será o dia e a hora [da chegada do noivo]” (Mt 25.13).

Deus anunciou a vinda do Messias por meio dos profetas. Forneceu até detalhes (a criança nasceria de uma virgem em Belém e receberia o nome de Emanuel), mas nunca revelou em que ano, dia e hora. Uma das coisas encobertas, não reveladas a nós nem a nossos filhos (Dt 29.29) é o calendário de Deus.

A respeito do evento relacionado com a ressurreição dos crentes, diz-se que “o último inimigo a ser destruído é a morte” (1Co 15.26). A morte é a última pedra de dominó a cair. Quando virmos os outros inimigos de Deus e do homem caírem, poderemos estar certos, absolutamente certos, que o último também vai cair!